

Monocultura da eficiência capitalista

Adriana Fátima Canova Motter*

Resumo: O presente artigo propõe uma análise do que o sociólogo português Boaventura Santos Souza considera como monoculturas que dominam o mundo, entre elas, a eficiência capitalista. Referem-se a formas de pensamento incutidas na racionalidade e práticas da sociedade moderna, de modo consciente ou inconsciente, resultado da pujante conduta da Modernidade no que se refere ao domínio sobre a natureza através das tecnologias e aguçada ambição pelo lucro. Uma realidade de maior equidade poderá ser construída se tais monoculturas forem contestadas, comprometendo-se a construir novos paradigmas, diferentes dos atuais, os quais resgatem valores e princípios centrais de nossa condição como seres humanos inseridos no contexto de um planeta de capacidade limitada. Assim, podemos acreditar que é possível construir um desenvolvimento verdadeiramente sustentável.

Palavras-chave: Tecnologias, degradação ambiental, crescimento econômico, sustentabilidade.

Abstract: This article proposes an analysis of the Portuguese sociologist Boaventura Souza Santos considers as monocultures that dominate the world, including the capitalist efficiency. Refer to ways of thinking instilled in rationality and practices of modern society, consciously or unconsciously, the result of vigorous conduct of modernity with regard to control over nature through technology and keen lust for profit. A reality of greater equity can be built if these plantations are in dispute, pledging to build new paradigms, different than today, which rescue values and core principles of our condition as human beings within the context of a planet of limited capacity. Thus, we believe that it is possible to build a truly sustainable development.

Key words: Technologies, environmental degradation, economic growth, sustainability.

Introdução

O modelo de desenvolvimento construído com a modernidade resultou, segundo Novo (2006), num sistema de poder sem simetria, alicerçado nos campos econômico, ideológico e político. Economicamente, a assimetria se manifesta na hegemonia de alguns centros econômicos que dominam o mundo. Politicamente poderá não ser exagero falar num novo “império” de domínio do mundo que, ideologicamente, construiu nas mentes da maioria da coletividade a concepção de que o modelo consumista atual é o

único possível, como sinônimo de bem-estar.

Com base neste cenário, a referida autora aborda o que o sociólogo português Boaventura Santos Souza identifica como “monoculturas” que dominam o mundo na atualidade, *se trata de formas de racionalidad y praxis que se han filtrado em el imaginario colectivo y que es preciso cuestionar*. São elas: monocultura do saber científico, monocultura do tempo linear, monocultura das hierarquias, monocultura do universal e global e monocultura da eficiência capitalista.

Uma monocultura subentende o desaparecimento da diversidade, tornando algo único e dominador. “O desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento de alternativas [...]” (SHIVA, 2003).

Numa perspectiva sistêmica, tais “monoculturas” de uma forma ou de outra se relacionam e/ou se articulam ou se contradizem, em razão de suas complexidades. Neste artigo, propomos uma discussão da monocultura chamada de “eficiência capitalista”, a qual é “*um objetivo racional incuestionable*” (NOVO, 2006) mediante o crescimento econômico da modernidade estar alicerçado no livre mercado e a produtividade alicerçada na exploração da natureza e da mão-de-obra, pois [...] “o lucro se origina na exploração do trabalho livre” (HANREY, 2005). Dito de outra maneira, a regra básica do sistema vigente é produzir o máximo, no menor tempo e com os menores custos para um mercado em expansão.

Assinalamos que a eficiência capitalista seja uma monocultura bem aceita pelos contemporâneos, pois não conhecemos na prática outro sistema. De origem antiga e com profundas raízes culturais e históricas, o capitalismo, como sistema econômico e social passou a ser dominante no mundo ocidental a partir do século XVI, na crise do feudalismo, partindo da expansão marítima e da acumulação primitiva de capitais, o qual foi tomando forma e corpo, subjugando, saqueando e explorando nações até se tornar hegemônico, transcrevendo sua evolução até nossos dias, apresentando ao longo de sua história grande dinamismo caracterizado pela sobreposição de sistemas de produção, exploração e consumo.

O comprometimento dos recursos naturais frente à efetivação da “eficiência capitalista” no contexto da modernidade

Harvey (2005) aborda o capitalismo como integrante direto no cotidiano da aldeia global. Segundo o autor, todos nós concordamos que a reprodução da vida cotidiana depende das mercadorias produzidas mediante o sistema de circulação de capital, que tem a busca do lucro como seu objetivo direto e socialmente aceito. No entanto, para tudo há um custo e a busca incessante pelo lucro tem resultado em problemas e em crises na modernidade, os quais são gerados pelo próprio sistema como resultado dos excessos, das desmedidas, da euforia e da confiança exagerada nas tecnologias, como enfatiza constantemente Maria Novo em seus escritos.

A técnica é a principal forma de relação entre o homem e o meio. “As técnicas são conjuntos de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaços” (SANTOS, 2000). Recentemente, o aperfeiçoamento de tecnologias e a especialização do conhecimento produziram importantes avanços que devem ser reconhecidos no que se refere à medicina, comunicação, produção, circulação... Retomando Santos (2000) “nos últimos cinquenta anos criaram-se mais coisas do que nos cinquenta mil precedentes”. É importante destacar que nem todos têm acesso ao uso das tecnologias, pois o monopólio de algumas delas gera um contingente de exclusão tecnológica. Por outro lado, os que usufruem seus benefícios, muitas vezes sentem-se reféns de seus ritmos e programações. Dito de outra maneira, constrói-se uma relação de dependência do humano ao tecnológico e em muitas circunstâncias

torna-se difícil distinguir o natural do artificial. O tempo das tecnologias nem sempre é o mesmo dos recursos naturais. Algumas criam e usam ritmos e tempos de velocidade que diferem da capacidade de regeneração, restauração e recuperação dos sistemas, por produzirem produtos que não são depurados e/ou assimilados naturalmente. Quando o uso de determinadas tecnologias interfere drasticamente nos ciclos, prolifera a ideia de que as ações tecnológicas são mais fortes, mais rápidas e mais poderosas quanto aos ritmos, processos e ciclos naturais, qualificando estes últimos como mais frágeis.

De modo geral a aplicação das tecnologias evoluem gradativamente, num primeiro momento permitem fazer algo que não poderia ser feito sem seu uso, o que proporciona a sensação de conforto para quem delas precisa e se beneficia. Tomamos como exemplo, o período em que houve a introdução de maquinários na produção agrícola no processo de modernização da agricultura. Equipamentos e insumos que trouxeram conforto, bem-estar e esperança para as mãos calejadas de trabalhadores que até então dispunham de sua força de trabalho como base de produção. Num segundo momento, possibilita que a mesma ação seja realizada com mais conforto e agilidade quando surgem as tecnologias supostamente mais eficazes que as anteriores para a realização dos mesmos trabalhos, agregando mais agilidade e produtividade às ações. E num terceiro momento, acelera-se o consumo em nome da ambição, criando “necessidades” muitas vezes desnecessárias que ultrapassam a capacidade de suporte dos ecossistemas, transformando o “...meio ambiente cada vez menos natural” (SANTOS, 2000). É importante lembrar que os problemas

surgem quando os limites são desrespeitados.

A euforia na superação de limites usa os recursos naturais muitas vezes indiscriminadamente e irracionalmente, apropriando-se do que é coletivo para satisfazer necessidades individuais. Os processos produtivos podem comprometer a qualidade dos recursos naturais de forma superficial, definitiva e gradual, comprometendo inclusive os recursos renováveis. Um recurso é renovável quando é explorado de maneira sustentável. Leff (2000) sustenta que ao mesmo tempo em que o ser humano superexplora recursos e desgasta ecossistemas para convertê-los em valor de troca, “tecnologiza” a vida e coisifica o mundo. A ciência e a tecnologia se converteram na maior força produtiva e destrutiva da humanidade.

O capitalismo pressiona os recursos e passa a falsa impressão à sociedade de que tudo o que se destrói (um sistema natural, uma espécie viva, uma cultura...) tem um valor objetivo que pode pagar-se com dinheiro. Porém, dinheiro e vida jogam em campos contrários. Para Sachs (1996) “[...] tudo se passa como se o sistema de produção atual fosse um sistema de produção de riqueza, que acompanha a reprodução ampliada da pobreza e da exclusão social a nível da sociedade e pela degradação ambiental.”

O potencial destrutivo gerado pelo modelo capitalista colocou o homem numa posição negativa em relação à natureza, embasado num modelo equivocado que visa o lucro imediato e sempre maior de uma pequena parcela privilegiada da sociedade, gerando exclusão social e destruição ambiental, num planeta com capacidade limitada. Para Phillippi Jr. (2000), estando a natureza profundamente marcada por

ações humanas, muitas delas de caráter predatório, é imperioso encontrar meios de diminuir ou minimizar os impactos negativos interferindo especialmente em muitos processos industriais que ainda desprezam as consequências nefastas de suas linhas de produção para o meio ambiente.

Todos nós concordamos, ou pelo menos a grande maioria, de que o comprometimento dos recursos naturais estão no limite, alguns mais, outros menos e retomamos novamente a convicção de que quando limites são ultrapassados, emergem os problemas e crises. É evidente neste contexto que muitos autores, pensadores, críticos e a própria sociedade em geral compactua com a certeza de que a “monocultura da eficiência capitalista” impregnada na atualidade como forma de desenvolvimento deva ser posta em xeque, por construir inúmeros e, por que não, infinitos problemas de ordem social e ambiental que põem em risco a qualidade de vida destas e das futuras gerações.

Desenvolvimento: carro chefe da “eficiência capitalista”

O conceito de desenvolvimento adotado pelo capitalismo está impregnado na ideia de que é preciso sacrificar tudo por ele, levando a sequelas muitas vezes irreversíveis. Portanto, há uma inversão de valores. Esteva (2001) realiza uma análise profunda do conceito de desenvolvimento. De acordo com o autor, na linguagem coloquial o desenvolvimento descreve um processo pelo qual são liberadas as potencialidades de um objeto ou de um organismo, para que este alcance sua forma natural, completa e amadurecida. Porém, para o capitalismo desenvolvimento implica não apenas em um processo natural, mas, em um crescer e aumentar, muitas vezes de

maneira ilimitada, descontrolada e desordenada. A lógica do capitalismo é a lógica contrária da natureza.

Foi em 1949 que o termo desenvolvimento foi usado politicamente para impor a hegemonia norte-americana pelo mundo, pelo então presidente Truman ao utilizar pela primeira vez o termo subdesenvolvimento em seu discurso, assinalando que para aqueles que constituem os dois terços da população mundial atual possam pensar em desenvolvimento, é preciso em primeiro lugar que se vejam como subdesenvolvidos e tentar de alguma forma escapar desta condição indigna, pois representa uma experiência de vida de subordinação, discriminação e de subjugação.

Está posto assim o desafio na busca de superação de inferioridade dos países considerados subdesenvolvidos, os quais deveriam empreender o máximo dos esforços, a qualquer custo para supostamente atingir o nível de quantidade e qualidade dos mais poderosos. Bem sabemos que é insuportavelmente utópico para um planeta com capacidade limitada, manter toda a sua população usufruindo da mesma abundância das populações dos países desenvolvidos. Reforçamos que o desenvolvimento como é concebido atualmente pelos setores econômicos é sinônimo de crescimento quantitativo em detrimento do qualitativo. “Quando alguma coisa cresce, fica maior. Quando algo se desenvolve, fica diferente. [...] É impossível à economia mundial crescer sem pobreza e degradação ambiental” (DALY, 2004). Neste processo que exalta o lucro, o ganho de alguns, significa a perda de outros. Perda que se acentua drasticamente também no campo da diversidade cultural e dos

conhecimentos locais produzindo uma imensidão de extermínio de formas de vida e de saberes que foram paulatinamente construídos por diferentes grupos sociais através da interação com fenômenos naturais e seus antecedentes e que com a modernidade construiu-se a ideia de que são ultrapassados, desatualizados, antigos e sem valor. O sistema dominante torna os saberes locais invisíveis. A riqueza cultural “enterrada” tanto na América Latina, como na África e parte da Ásia poderá ser impossível de se recuperar.

Perspectivas de superação para a monocultura da “eficiência capitalista”

Já é seguro para nós que as diferentes formas monocultoras de pensamento levam a crise, neste caso analisado, configurada principalmente em três grandes frentes: degradação ambiental, exclusão social e fragmentação cultural. Sachs (1996) aborda que a crise social é muito mais grave e está ligada à crise ambiental. O mundo atravessa um momento inédito. Estamos com uma crise social que se traduz essencialmente pelo desemprego e subemprego numa escala nunca vista. O problema é que quem sofre com as crises não são os mesmos que se beneficiam com o capitalismo.

Atualmente o debate direciona-se no sentido de como avançar da crise para a sua superação. Se os novos discursos se deterem em mudar somente as ações, não basta, o que se faz necessário é mudar as formas de pensamento desenvolvidas nas monoculturas da modernidade para que produzam outros tipos de ações, ou seja, construir mudança de paradigmas rumo à sustentabilidade, o qual atinja o âmago do sistema moderno, “a questão é atacar o problema na raiz [...]” (SACHS, 1966)

A sustentabilidade surge como um contraponto ao atual modelo de desenvolvimento. *Para el entendimiento y la búsqueda de la sustentabilidad fue necesario la toma de conciencia de los límites del planeta tierra* (WIZNIEWSKY; GUASP, 2004). Limites que não foram reconhecidos pelo capitalismo por conta do crescimento econômico. A sustentabilidade requer o uso racional dos recursos, ou seja, dentro dos limites de sua capacidade, indiscutível para que haja qualidade de vida para estas e futuras gerações. Um sistema sustentável deve reconhecer a natureza como suporte, condição e potencialidade para a produção, proporcionando autonomia, descentralização, empoderando as unidades produtivas, como uma condição para a construção de uma nova base produtiva, fundamentada no potencial ecológico e na diversidade cultural.

Em momento algum pensaremos que a sustentabilidade seja a ausência de conflitos, por requerer a derrubada das monoculturas da modernidade. Shiva (2003) destaca constantemente em sua obra “Monoculturas da Mente” que uma monocultura destrói alternativas, inclusive na base. Isso não significa que não existam alternativas. Estas, foram excluídas e sufocadas pela proliferação de uma monocultura dominante, neste caso, a eficiência capitalista. Buscar alternativas representa resgatar diversidades, adotando-as como uma forma de pensar, como um contexto de ação.

Esteve (2001) nos contempla em sua análise com a crença na força do que chama de “novas comunidades”. Diferentes espaços coletivos nos quais os seres humanos externalizados dos benefícios do capitalismo encontram

como forma criativa refúgios com novas alternativas de educação, saúde, produção e um novo entendimento para necessidades humanas. Indivíduos não partem do princípio de que suas necessidades são limitadas, porque essas não são nada mais que a outra face dos recursos, sua expressão direta. Se seus recursos são limitados, como o são, suas necessidades não podem ser ilimitadas. Portanto, constrói-se uma nova definição de necessidade. Ao contrário do que acontece com a lógica econômica, essa outra lógica está incrustada no tecido social. É o movimento social consciente da crise que buscará um novo tipo de desenvolvimento, porque *no es previsible que um sistema de pensamiento que nos há conducido a la crisis sirva también para sacarnos de ella* (NOVO, 2006).

Uma monocultura despreza as diferenças que para a sustentabilidade devem ser revalorizadas, proporcionado aos grupos decidir sobre suas práticas, a partir de suas potencialidades. É evidente que a potencialidade das capacidades endógenas deve ocorrer através de uma visão sistêmica de mundo, o que Novo (2006) chama de “glocal” “[...] que aglutine as inter-relações entre a sociedade globalizada, seus condicionantes e requerimentos, com as ofertas, demandas e possibilidades de desenvolvimento dos contextos locais”. Dito também por Gadotti (2000), “o global e o local devem fundir-se numa mesma realidade”, libertando-se de uma visão reducionista para uma visão holística, defendido também por Morin em seus discursos e escritos. “Os fenômenos e as relações são simultaneamente antagônicos e complementares, a parte está no todo que está na parte e não o todo ser a soma das partes”. (MORIN, 1995)

Como já abordamos anteriormente, a sustentabilidade requer um novo paradigma o qual consiste na interdisciplinaridade dos saberes técnicos e científicos, possibilitando a análise e entendimento do meio ambiente de forma holística e sistêmica, proporcionando uma visão integradora da realidade, isto é, a “possibilidade de enxergar as situações e as causas atuantes como conjuntos e de localizá-los como um todo, mostrando sua interdependência” (SANTOS, 2000).

A construção de um projeto de sustentabilidade é algo complexo, por exigir um novo olhar sobre o ambiente e seus processos relacionados e uma nova reapropriação de saberes, capaz de forjar um novo sentido às relações entre a sociedade e natureza. “É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza” (MORIN, 2000). As ações balizadoras da sustentabilidade poderão estar nas proporções locais, no resgate do manual, na interação com a natureza, no trabalho cooperativo, no uso de energias mais renováveis, numa nova matriz para a indústria, que seja ela a própria recicladora de seus produtos considerados obsoletos.

O saber ambiental está em processo de construção e requer transformações e não readaptação ou reorganização dos saberes inerentes da racionalidade capitalista, pois, a racionalidade econômica, científica e técnica, prioritariamente construída após a Revolução Industrial produziu uma acentuada fragmentação de saberes que resultou nos profundos desequilíbrios ambientais, entretanto, emerge uma visão crítica, descentralizada, difusa, abrangente e co-relacionada entre diferentes saberes.

Considerações finais

Não seria ousadia dizer que chegamos num período histórico de reconstrução da base produtiva e de consumo da sociedade. O ciclo da modernidade embasado no desenvolvimento concebido pelo sistema capitalista, o qual visa o lucro, muitas vezes ilimitado, e o consumo, muitas vezes desnecessário está exaurindo-se nas suas próprias contradições, crises e problemas. É evidente que dentro de um espaço com capacidades de recursos naturais limitados e diante de um contingente de população global dotada de diversidades, seja incoerente comprometer a natureza que pertence à coletividade e proporcionar lucratividade somente a uma pequena parcela da população deixando uma massa de externalizados dos benefícios, conforto e bem estar. Esteva (2001) escreve que o “desenvolvimento evaporou-se”.

O processo do desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico resultou numa complexidade de problemas, emergindo a necessidade de um reaprender sócio ambiental. Santos (2000) denomina este período como “o novo em gestação”. Novo, quase imperceptível para nós, contemporâneos, já que as sementes são lançadas ainda quando o velho é qualitativa e quantitativamente dominante. Esta nova construção deverá emergir em sustentabilidade de uma nova racionalidade ambiental, social e econômica, centrada no homem e não no dinheiro, como são as circunstâncias atuais e que leve a desestabilizar os pensamentos monocultores, impregnados nas mentalidades dos contemporâneos, entre eles, o da eficiência capitalista.

A sustentabilidade e a valorização da diversidade é um caminho em

construção, no qual devemos aprender com nossos erros e acertos, pois não há um modelo acabado e definido que sirva igualmente a todo o lugar em qualquer tempo e que não será viável a curto prazo. Deve-se pensar em tempos médios e a longos prazos com um alicerce sólido e consistente para não exaurir-se com facilidade. Para finalizar, não poderíamos deixar de tomar emprestado as palavras de Esteva (2001) que visualiza este novo momento como a hora de recobrar o senso de realidade e a serenidade. Muletas, como as que a ciência oferece não são necessárias quando é possível andar com nossos próprios pés, em nosso próprio caminho, para sonhar nossos próprios sonhos. Não os sonhos que o desenvolvimento nos emprestou.

Referências

DALY, Herman **Crescimento Sustentável. Não, Muito Obrigado** in E. Ambiente e Sociedade. Vol. VII, nº 2 jul./dez.2004

ESTEVA, Gustavo. **Desenvolvimento** *apud* SACHS, Wolfgang. Dicionário do Desenvolvimento. São Paulo: Vozes, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 5ª ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. (Coleção Geografia e adjacências) 252 p.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002

MORIN, Edgar et al. **Terra Pátria**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1995

NOVO, Maria et al. **El desarrollo sostenible: Su dimensión ambiental y educativa**. Editor UNESCO: Pearson, 2006.

PHILIPPI Jr., Arlindo et al (editores). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento Sustentável**. Edições IBAMA – MMA. Brasília, 1996

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia** – São Paulo. Gaia, 2003

WIZNIEWSKY, José G. et al. **Conteúdo científico de la agricultura sostenible** *apud* PORTO, V. H. et al. **Agricultor familiar: Sujeito de um novo método de pesquisa, o participativo**. EMBRAPA, 2004.



* **ADRIANA FÁTIMA CANOVA MOTTER** é Especialista em Gestão Ambiental pela UNIJUI - RS e Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM- RS.